

Bush pede apoio aos países endividados

Reuters

Washington — O presidente George Bush convocou ontem a "nata" do mundo financeiro norte-americano à Casa Branca pedindo-lhes, enfaticamente, uma "política generosa" para com a crise do balanço de pagamentos dos países em desenvolvimento.

Bush frisou, mais uma vez, a importância do Plano Brady na redução dos débitos dos países mais pobres, à uma platéia de 73 banqueiros.

Posteriormente, Bush compareceu à assembléia final do FMI — Bird, afirmando que estas instituições devem dar prioridade para os problemas do mundo ocidental, de economia de mercado.

Lembrou o exemplo "histórico" do apoio norte-americano à liberalização da economia da Polônia, um exemplo aos países do Leste europeu comunista. A Polônia, o acordo com o México, e, agora, o acordo recém decidido com a Argentina são os modelos dessa nova política internacional.

O Plano Brady

A América Latina por si só deve US\$ 506 bilhões e no ano passado não pôde atender por completo aos US\$ 176 bilhões que a soma gerou de juros. Em sua reunião com os bancos privados Bush tinha ao seu lado o secretário do Tesouro, Nicholas Brady, que formulou a estratégia que prevê a redução de uns US\$ 400 bilhões da dívida dos países em desenvolvimento que, obviamente, não podem pagar sem severas consequências sociais e políticas.

"Quero que saibam que apóio firmemente a presente estratégia da dívida externa e a importância

que atribuo a que o Governo e os bancos privados atuem conjuntamente em sua solução", disse Bush aos banqueiros.

Oportunidade

A assembléia deu uma versão mais geral ao problema apresentado pela Casa Branca. Nos alenta o sacrifício e o interesse dos países em desenvolvimento cujo êxito não só afirma sua posição como também a dos bancos e a comunidade internacional. Contudo, sua maior oportunidade como a que temos agora na Polônia e mais amplamente na Europa Oriental. Bush pediu às duas organizações que deem especial atenção à canalização de recursos à Polônia, observando que os Estados Unidos se comprometeram a facilitar US\$ 119 milhões em recursos monetários e US\$ 100 milhões em alimentos.

As manifestações de Bush representaram um marcado contraste com a negativa dos Estados Unidos em concordar com um aumento de uns US\$ 120 milhões em capital do FMI para poder manejar com maior facilidade a dívida dos países em desenvolvimento e um modesto reforço de 12 milhões de dólares para que o Banco Mundial amplie o desenvolvimento dos mais pobres.

Bush disse: "À luz das crescentes necessidades da Polônia sob o novo governo liderado pelo Solidariedade é evidente que seu êxito responde aos nossos próprios interesses".

Bush informou que os Estados Unidos tentam pôr-se à frente desse esforço e conduzir com êxito esta histórica circunstância.



Bush recebeu o presidente Menem nos jardins da Casa Branca, e garantiu apoio aos argentinos